

Foi Paulo um revolucionário?

Joel Antônio Ferreira*

Resumo: *Gl 3,26-28 é o centro e a chave de leitura de toda a epístola aos Gálatas. Neste artigo, aprofundarei alguns textos de Paulo, especialmente Gl 3,28b, a fim de compreender o Apóstolo tomando uma postura revolucionária, ao afirmar no seu programa pastoral que, a partir de Cristo, não pode mais haver “escravo e livre”, em pleno Império Romano, cujo modo de produção era o escravagismo.*

Palavras-chave: *assimetria social, abertura de fronteiras, escravo e livre.*

Was Paul a revolutionary?

Abstract: *Gal 3,26-28 is the center and key to understanding of the entire Epistle to the Galatians. I have explored in depth some of Paul's texts in this article, especially Gal 3,28b, in order to understand the apostle's revolutionary standing when he affirms in his pastoral program that in Christ there is neither "slave" nor "free". Indeed, this statement is proclaimed in the very midst of the Roman Empire whose economic means of production depend on slavery.*

Key words: *Social Asymmetry, Expansion of Frontiers, Slave and Free*

1 – Introdução: um olhar histórico-sociológico

Uma das lacunas dos teólogos da libertação, quando se apoiavam na Bíblia para fundamentar suas reflexões, foi esta: esqueceram-se de Paulo Apóstolo. Fundamentaram-se no Livro do Êxodo, nos profetas, em alguns Salmos, em textos da apocalíptica e em algumas perícopes dos Evangelhos. Quem refletiu, de um modo mais organizado, sobre a força da liberdade em Paulo e seu papel na defesa libertadora foram os exegetas bíblicos. Neste ensaio, quero contribuir para o

*Docente na Universidade Católica de Goiás

aprofundamento da figura de Paulo Apóstolo, como um homem de seu tempo, que não concordou jamais com as assimetrias étnicas, com suas conseqüências religiosas e culturais; que teve uma posição de vanguarda na relação de gênero, colocando-se contra as assimetrias patriarcalista e androcêntrica; posicionou-se, energeticamente, contra as assimetrias sociais, com suas conseqüências político-econômicas. É sobre esta terceira assimetria, ou seja, a social, que estas reflexões querem caminhar. Basear-me-ei somente nos escritos de Paulo (1 Tessalonicenses, Gálatas, 1 e 2 Coríntios, Romanos e Filêmon). Citarei e comentarei, brevemente, alguns textos do Apóstolo atinentes à questão social, aprofundando mais o texto de Gl 3,28b: “não há mais escravo nem livres”.

Um olhar histórico

Paulo, provavelmente, tinha uma visão de conjuntura interessante. Os seus escritos refletem sua postura como alguém que tem uma consciência crítica afiada. Para se entender a assimetria social, é necessário buscar a ajuda da história do Império Romano, exatamente, no período do Apóstolo. A história política romana teve três períodos: A Roma dos reis (desenvolvimento das condições para o surgimento do escravagismo), a Roma da República (o apogeu do escravagismo) e a Roma do Império (o declínio do escravagismo).

Neste estudo, o que interessa é a Roma da República e o primeiro século da Roma do Império, porque foi nesse período que se deu o momento forte da escravatura. Com o desenvolvimento urbano que vem do período anterior, a *nobilitas* tem como referencial a cidade, e é aí que vem surgindo um grupo forte, o *patriciado* (os patrícios, famílias mais poderosas). É esta tendência que passa a monopolizar os direitos políticos e religiosos, provocando a crise da monarquia (tempo dos Tarquínios), e é este patriciado que toma as rédeas do governo. Nos primeiros tempos da República, eram os membros das famílias mais poderosas que participaram do governo da cidade. Seu poder era exercido pelo Senado, a princípio, uma assembléia integrada pelos chefes das principais famílias. O novo regime político se democratiza, após tensões entre os patrícios e os plebeus (FLORENZANO, 1986:61-3; GIORDANI, 1981:189-207; ROSTOVITZ, 1967:149-60), trazendo para o poder elementos significativos da plebe que se mostravam líderes na monarquia, atuando nas cúrias. Muitos elementos vindos da plebe, com a experiência anterior nessas cúrias, têm uma ascensão social interessante.

Desde os reis etruscos (FLORENZANO, 1986:57-8), tradicionalmente, havia uma mentalidade militar expansionista, que foi absorvida e continuada pelas classes

dirigentes da República. A expansão militar para regiões cada vez mais distantes e extensas faz surgir a mentalidade imperialista, e aí sucedem-se guerras ininterruptas, que resultaram no controle da Espanha, do Sul da França, da Gália, da região do Danúbio e da costa do Mediterrâneo. A princípio, as relações das novas colônias com o centro decisório são em nível tributário, ou seja, elas tinham por função fornecer um tributo e absorver os excedentes acumulados pelos romanos sob a forma de intercâmbios comerciais, tornando-se, neste tempo, a economia romana, monetária (HOUTART, 1986:70).

Um olhar sociológico

Fundamentado em Houtart, chamo a atenção para três momentos da expansão da escravatura:

1. A organização e o poderio do exército: com a expansão, exigiu-se o recrutamento cada vez maior das forças produtivas, cujos serviços eram retribuídos conforme a sua categoria. Os capitais acumulados pelos militares eram convertidos em terras. As terras conquistadas não exploradas passavam a ser propriedades do Estado romano (*ager publicus*), que as vendia quase sempre aos militares superiores, que foram se tornando grandes proprietários agrícolas. A extensão das regiões exploradas, unida à diminuição das forças produtivas locais, provocou a exigência de mão-de-obra.

2. Essa mão-de-obra foi fornecida pelos prisioneiros de guerra deportados para toda a Península Itálica, os quais foram vendidos aos proprietários de terras, ou então tornaram-se empregados nas grandes obras de infra-estrutura: construção de aquedutos, estradas, templos, etc.

3. Os prisioneiros não cobriram a necessidade de mão-de-obra escrava (a mortalidade era alta, a posse de escravos ou os excedentes acumulados tinham bem poucas possibilidades de investimento fora dos gastos supérfluos). Isso fez levar ao desenvolvimento do comércio de escravos (toda a bacia do Mediterrâneo). Provocou o aparecimento de grupos mercantes especializados na Ásia Menor e Norte da África (uma das funções desses mercadores era abastecer as cidades portuárias com escravos) (HOUTART, 1982:70-1). Porém, a grande presença escrava estava na zona rural.

A grande maioria da população é colocada numa situação de subordinação. Esta maioria é despojada do controle sobre o uso e a distribuição da própria força de trabalho, vendo-se forçada a trabalhar sob o controle de outros a fim de obter os bens necessários para sua sobrevivência. É também despojada do controle sobre a partilha dos bens necessários para sua sobrevivência e, em momentos extraordinários

(os de escassez, por exemplo), é incapacitada de sobreviver. A sociedade se estrutura em dominadores e dominados, isto é, uma minoria decide os destinos da maioria, porque possui os meios de produção dos bens necessários para a sobrevivência. Os interesses são contrapostos. Ao mesmo tempo, a minoria dominante, proprietária dos principais meios de produção, tenta manter uma organização assimétrica da produção (dominando e aumentando o seu poder), e a maioria dominada, expropriada dos principais meios de produção, tenta diminuir a assimetria (reduzir o poder dos dominantes), pois o seu interesse é não continuar dominada (MADURO, 1983:78-81).

II - Textos que abordam as assimetrias sociais

1 Tess 4,9-12 - O primeiro escrito do Novo Testamento como o conhecemos hoje é esta Epístola aos Tessalonicenses. É do ano 51 d.C. A Igreja de Tessalônica surgiu dos pobres explorados e oprimidos, que viviam num contexto econômico, social, político e ideológico massacrante. Embora fosse uma comunidade de irmãos, que havia descoberto Jesus Cristo, estava obrigada a viver num ambiente pagão e opressor. Desprovida de poder externo, vivendo em pobreza e em fraqueza, era, porém, uma comunidade que possuía a glória interna. A epístola leva os tessalonicenses a compreenderem que deviam ser diferentes do sistema do Império Romano. Paulo escreveu a missiva juntamente com Silvano e Timóteo. Ali organizaram a comunidade, composta de trabalhadores explorados. Proclamaram o Ressuscitado e a experiência de amor, fraternidade e paz. Essa Igreja questionará as estruturas da época, por isso, será perseguida.

O capítulo 4 desta carta é uma reflexão sobre as questões que os cristãos de lá colocaram para Paulo. Este texto (1 Tess 4,9-12) trata da organização comunitária, que deve girar em torno do amor fraterno. Paulo diz que os tessalonicenses sabem como é esta vida de amor. A fama da fraternidade deles corra pela Macedônia. É da vida de amor fraterno que surge a Igreja. É grande a experiência de solidariedade, de unidade. Ninguém vive isolado, porque existe comunidade. Neste texto, temos algumas expressões que retratam as assimetrias sociais da época. De um lado, os exploradores: o Império Romano, a elite de Tessalônica, privilegiada pelo sistema, e os judeus comerciantes, que exerciam forte influência na economia. De outro lado, os explorados: a grande massa dos trabalhadores (homens e mulheres) e escravos. As palavras e expressões são: “negócios”, trabalhar com as próprias mãos”, “não tenham necessidade de ninguém”, “vida tranqüila”, “progredir”, “vida honrada”, “amor fraterno”, “irmãos”.

Observada a partir de uma perspectiva sociológica, está claro que a sociedade era classista. É à classe pobre que Paulo se junta para organizá-la. Vê-se aí uma exortação à comunidade sobre a importância do trabalho. É importante a organização dos trabalhadores e o seu empenho no trabalho, para que, independentes dos opressores, possam ter vida tranqüila (livre). É fundamental o trabalho, porque, “desocupados”, destroem a vida da comunidade. É revolucionária a orientação de Paulo aos pobres de Tessalônica, quando diz a eles que deveriam “trabalhar com as próprias mãos”. Isto vira tudo pelo avesso. O modo de produção principal do Império Romano era o escravagismo, que se alimentava do sistema econômico regido pelo tributário. A afirmação de Paulo vai contra tudo e todos. É como se estivesse dizendo: “tessalonicenses, saiam do sistema romano. Criem seu próprio sistema. Não dependam de ninguém. Tornem-se independentes e livres...”! Por isso, Paulo é portador da novidade. A nova religião (cristianismo) não faz as vezes do sistema imperialista romano. Ela é comprometida com os pobres, fracos e marginalizados.

1 Cor 7,22-23

Paulo agora está respondendo às perguntas dos cristãos de Corinto sobre vários problemas da comunidade. Aqui eles querem saber sobre a novidade de serem cristãos. Para o apóstolo, na visão do homem-em-Cristo, não existe condição social ou civil menos ou mais importante. Ele explica isto aqui em 1 Cor 7,22-23 quando diz: “Pois aquele que era escravo quando chamado no Senhor, é um liberto do Senhor. Da mesma forma, aquele que era livre quando foi chamado, é um escravo de Cristo. Alguém pagou alto preço pelo vosso resgate; não vos torneis escravos dos homens”.

Em Cristo desaparecem as antigas diferenças. Escravos e livres têm os mesmos direitos e os mesmos deveres. Os escravos devem se considerar “libertos no Senhor”, e os livres devem se considerar “escravos de Cristo”.

Se não há escravo, não há livre. Falar de livre supõe que continuará a escravatura. As distinções sociais serão sempre barreiras graves no relacionamento humano. No Cristo “Senhor” não existe mais o patrão, o escravizador. O senhorio de Cristo acaba com os senhores da terra. Em Cristo todos são livres e só a ele devem prestar conta. Paulo, nestas respostas aos coríntios, está mostrando que a comunidade cristã é semente de uma nova sociedade igualitária, onde todas e todos são chamados a ser livres para viverem com dignidade.

1 Cor 11,17-34

Ainda na Primeira Epístola aos Coríntios, Paulo continua respondendo às diversas questões problemáticas da comunidade. Aqui o assunto é a Eucaristia na comunidade. O que tem isto a ver com desigualdade social? Sabe-se que vieram para as comunidades cristãs pessoas de várias categorias sociais. Nas cidades gregas, a distância social entre ricos e pobres era grande. Também as separações econômicas eram acentuadas. Isto se refletiu nas comunidades. Em Corinto, a contradição entre ricos e pobres, dentro das assembleias cristãs, era acentuada, a tal ponto que Paulo teve que escrever-lhes um texto marcante. Neste texto de 1 Cor 11,17-34 lê-se que alguns chegavam antes (v. 33), provavelmente porque eram ricos e não precisavam trabalhar e, certamente, já traziam a comida e a bebida para a ceia. Os que chegavam depois, os pobres trabalhadores, os escravos, os artesãos que só dispunham de tempo após o trabalho, não participavam da ceia. Alimentavam-se, possivelmente, dos restos. Existia comunidade com esta prática?

Para esses casos, Paulo manda os ricos comerem em casa para evitarem os escândalos. Embora a sugestão dele não resolva o problema de ricos e pobres dentro da comunidade, pelo menos Paulo quer mostrar que nas assembleias cristãs e suas manifestações litúrgicas não há lugar para diferenças sociais e econômicas. Foi complicado para Paulo, como o é ainda hoje para nós, porque sempre estarão na mesma ceia patrões e escravos, proprietários que, muitas vezes, não trabalham e trabalhadores. Na celebração da ceia todos agem como se não houvesse diferenças, mas essas persistirão, porque fora da assembleia não há, de fato, comunhão de bens. Mais tarde, ele voltará a escrever aos coríntios apresentando sua visão concreta de igualdade (2 Cor 8,13-14). Não pode haver o supérfluo e a ausência de bens juntos. Todos têm o direito ao necessário.

2 Cor 8-9

Na 2ª Epístola aos Coríntios, Paulo e a comunidade estavam diante de uma situação social angustiante. Uma grande fome tomou conta, no ano 48, da região da Judéia e, conseqüentemente, de Jerusalém. Portanto, também os cristãos daquelas comunidades irmãs estavam em penúria. Uma ajuda econômica, com coleta de alimentos, roupas e víveres, de iniciativa das igrejas da Macedônia, é ampliada às igrejas de Corinto. O econômico fazia parte do testemunho cristão. A partilha a favor dos mais necessitados era sinal de unidade entre os cristianismos originários. Paulo chama a atenção para o fato de que estas ajudas são graça de

Deus, maior para quem oferece do que para quem recebe. Assim ele faz a proposta social mais clara de suas missivas em 2 Cor 8-9. Ao se sensibilizar com a miséria de Jerusalém e organizar esta grande coleta para socorrer os habitantes de lá, ele apresenta o programa motivador: *"Não desejamos que o alívio dos outros seja para vós causa de aflição, mas que haja igualdade. No presente momento, o que para vós está sobrando, suprirá a carência deles, a fim de que o supérfluo deles venha um dia a suprir a vossa carência. Assim haverá igualdade..."* (2 Cor 8,13-14). É um texto riquíssimo. As orientações sociais cristãs, na busca da justiça social e da defesa dos direitos da pessoa humana, mais tarde se fundamentarão neste programa que Paulo apresentou.

Filemon

É no bilhete a Filemon que Paulo, pelo que sabemos, procurou, na prática, colocar em dinamicidade a proposta do "não há escravo nem livre" (COMBLIN, 1987:50-70). Na prisão, Paulo conheceu um escravo fugitivo, Onésimo, que, por acaso, era, justamente, o escravo do chefe de uma comunidade cristã fundada por ele. Na cabeça de Paulo não havia lugar para a escravatura dentro da comunidade cristã. Paulo envia um bilhete a Filemon, pedindo a ele que acolha o antigo escravo e o trate como se fosse o próprio Paulo. Mudam as relações. Não é para se tratar Onésimo como escravo, mas como alguém da família. Este bilhete, que está na Bíblia, sugere que o cristianismo não é compatível com a situação social do mundo greco-romano. Paulo tinha a certeza de que a Igreja de Deus traz algo novo para a ordem social, isto é, para a estrutura senhor-escravo que a humanidade acha insuperável, como demonstra o bilhete a Filemon. Ele sabia que a relação senhor-escravo não pode existir na Igreja e que não podia obrigar Filemon a transformar o seu escravo em irmão. Pode apenas sugerir, exortar, insistir, colocar todo o peso da sua autoridade moral, pois ele mesmo fora o autor da conversão de Filemon, era o seu pai na fé. Como afirma Comblin, a carta a Filemon não resolve o problema social, mas constitui uma condenação do sistema vigente e propõe uma alternativa provisória. Assim, Paulo deslegitimou a escravidão e desencadeou uma crítica que infelizmente não será reassumida com o mesmo vigor por todos os seus sucessores. E a sua proposta programática de 2 Cor 8,13-14 se tornou, mais tarde, a base das orientações sociais cristãs (COMBLIN, 1988:69-76).

III - Não há escravo nem livre (Gl 3,28b)

Para mim, Gl 3,26-28 é o centro de toda a Epístola aos Gálatas. Provavelmente, era um texto lido pelas comunidades cristãs na liturgia do batismo. Paulo, ao escrever aos gálatas, insere esta perícopa no centro da Epístola como um programa para as comunidades de fé, caracterizando-se como uma pequena perícopa de abertura de fronteiras em torno da unidade em Cristo. O apóstolo lutou pela liberdade em Cristo. Orientou as comunidades para superarem as assimetrias. Procurarei, à luz da leitura sociológica, pelo modelo conflitual, entender por que Paulo absorveu o anseio das primeiras comunidades, que afirmavam que a partir de Cristo, não há mais sentido em continuar a contradição "livre-escravo".

Gl 3, 26 – 28	1 Cor 12, 13	Rm 12,13	Col 2,11
Vós todos são filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus. Pois todos vós fostes batizados em Cristo. Não há judeu nem grego. Aí não há mais grego e judeu e incircunciso cita não há escravo livre não há homem e mulher. Pois todos vós sois um só em Cristo Jesus. Cristo é tudo em todos	Pois fomos todos batizados de um só Espírito para ser um só corpo judeu e grego, escravos e livres e todos bebemos de um só espírito.	De sorte que não há distinção entre judeu e grego. Pois ele é o Senhor de todos...	Aí não há mais circunciso e bárbaro, cita escravo, livre mas Cristo é tudo.

Vê-se, nesta sinopse, que em comunidades tão distantes, nos diversos cristianismos originários, com algumas modificações, o mesmo hino era rezado ou cantado, exaltando a liberdade total dos seres humanos em Cristo Jesus. O clamor em torno do fim da escravatura era uníssono nas primeiras comunidades. O slogan "não há escravo nem livre" aparece em três epístolas, ficando fora apenas na carta aos Romanos. Paulo, nesta epístola, ao não colocar a questão da escravatura social, possivelmente estaria querendo evitar algum possível constrangimento para seus leitores de Roma, ou mesmo, estaria querendo manter livres as estradas que conduziam a Roma, local onde ele queria ir evangelizar. O fato é que nas epístolas para as comunidades longínquas de Roma (Galácia, Corinto e Colossos), o slogan "não há escravo nem livre" aparece com evidência. A consolidação desta idéia de liberdade também social - parece - estava se firmando nas comunidades primitivas. É interessante que até Colossenses, uma epístola escrita bem depois da morte de Paulo, continue a cantar este hino,

gritando contra a escravatura. Esta afirmação tem sentido, porque os redatores de Colossenses tinham uma mentalidade patriarcalista - estes têm receio da transformação social - e androcêntrica.

Quero ficar agora olhando o quadro da sinopse, apenas com o anúncio de Gl 3,26-28, ficando somente no último versículo: "*Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; pois todos vós sois um só em Cristo Jesus*". Numa sociedade como a do Império Romano, que subsistia, essencialmente, pelo modo de produção escravagista, mundo razoavelmente conhecido por Paulo pelas suas contradições, é de se perguntar: por que o apóstolo colocou no centro da epístola esta afirmação, ao mesmo tempo tão utópica e tão provocadora?

O texto fundamental da Epístola aos Gálatas (3,26-28) constata três assimetrias. A primeira, "não há judeu nem grego" é a assimetria étnico-religiosa (FERREIRA, 2003:1093-1124). A terceira, "não há homem e mulher" é a assimetria de gênero (FERREIRA, 2002:90-105)¹.

A segunda assimetria forte, objeto da minha reflexão, é a social. Tem como pano de fundo o imenso Império Romano. A principal característica da assimetria social reside no fato de que o trabalhador faz parte dos meios de produção. Então, esse modo de condução administrativa foi se ampliando quando o produto do trabalho escravo passou a entrar no circuito dos intercâmbios mercantis. O crescimento da demanda implicou no aumento da produção e, por conseguinte, da força de trabalho, que se tornou, desse modo, objeto de intercâmbio mercantil. Esta forma foi típica das sociedades grega e romana.

A Galácia, no tempo que estamos estudando, está sujeita a Roma (exterior) porque a organização da economia era marcada por sua dependência do exterior, tanto no campo da demanda como no nível da origem da mão-de-obra (HOUTART, 1982:21). As porções de terra que não passaram a ser propriedades de cidadãos romanos foram agregadas ao patrimônio particular do imperador romano (RSTOVITZEFF, 1984:653).

No centro da Epístola aos Gálatas (3,26-28), temos a proposta mais extraordinária de Paulo aos seus leitores. O modo romano de produção era assimétrico. Paulo, provavelmente, conhecia bem as sociedades de boa parte do Império, porque também ele era um missionário itinerante. Possivelmente, ele percebia que a produção dos bens necessários para manter vivos os seres humanos, bem como para adquirir tais bens, estava organizada de maneira assimétrica. É de se supor que ele tinha consciência de que no centro das decisões (Roma), a paz era anunciada em alto e bom som, porém, nas colônias o controle

era pelo poder material (econômico, político e, sobretudo, militar) e poder simbólico (moral, educativo-esportivo, artístico, literário e ideológico-religioso). Tendo o contacto com habitantes de tantas partes, certamente ele via as colônias romanas fornecendo o tributo ao centro do Império e sendo obrigadas a absorver os excedentes acumulados pelos romanos sob a forma de intercâmbios comerciais.

O texto apresentado a nós por Paulo passa-nos a impressão de que o autor tinha consciência de que a *nobilitas* ocupava a cúpula social, não só na sede, mas em toda a periferia colonial, e que ela formava a classe senatorial, sempre a serviço da casa imperial. Por onde andava, via que a política expansionista ia produzindo um efeito dominó; que a organização do exército ia recrutando as forças produtivas de outros países; que as terras e os grandes domínios agrícolas eram passados para os quadros militares e para os legionários e as não-exploradas eram propriedades do Estado; que a mão-de-obra, praticamente estrangeira, ia se tornando cada vez mais escrava (os prisioneiros de guerra foram os primeiros escravos); que esta mão-de-obra tinha de construir os templos, as estradas, os aquedutos, e que o comércio de escravos tinha sido legitimado (BRADLEY, 1987:139-143; GRANT, 1960:125-154; RORSLEY, 1997: 12-47).

Paulo ultrapassa o religioso e o étnico (racial)

Paulo aqui vai além do plano religioso e racial. Vê-se que o Apóstolo, com esta segunda dimensão, quer buscar a abertura de fronteiras na esfera social (com implicações civis, políticas e econômicas).

Poder-se-ia pensar que Paulo aqui deveria ter usado o par *doulos* (escravo) e *kyrios* (senhor) para retratar a contradição da sociedade greco-romana, como o fez em Gl 4,1, porque esta relação corresponde à contraposição senhor-escravo.

Não obstante, nesse momento, ele está transcrevendo uma fórmula litúrgica usada nas cerimônias batismais, devendo respeitar a fórmula na sua originalidade. Também se entende a força da palavra *eleutheros* (livre) na sociedade escravagista romana; percebe-se que o “livre” participava da mesma ideologia piramidal da época e do mesmo espírito dominador. Refiro-me à mentalidade romana. Ideologicamente falando-se, o *eleutheros* e o *kyrios* estavam na mesma camada opressora, mesmo sabendo que a grande população livre romana não era “patroa”.

A distinção entre escravos e cidadãos livres era fundamental para toda a organização da cidade no mundo greco-romano. Os cidadãos livres gozavam de todos os direitos políticos e civis. Os não-livres eram privados dos direitos e da dignidade.

No mundo do Império Romano, época em que se iniciou o cristianismo no primeiro século, a força econômica era baseada numa sociedade escravagista. Toda a estrutura estava fundada no regime da separação entre escravos e livres.

À diferença do ambiente judaico, a escravidão desempenhou, no mundo greco-romano, um papel econômico essencial e constitui a mancha mais sinistra dessa civilização (COTHENET, 1985:99).

Quando se fala em escravo, pensa-se na ausência de liberdade. O escravo é um ser não-livre, que, por isso, não pode dispor da sua pessoa, nem do seu trabalho. Ele pertence a outro homem, totalmente, e tudo que ele produzir pertencerá ao seu patrão.

No direito romano a condição de escravo pode ser o castigo de certos crimes. No Império, habitualmente, os escravos o eram por nascença ou por serem prisioneiros de guerra, ou porque foram vendidos por seus pais, ou se venderam para pagar dívidas. Havia mercado de escravos.

Todo o Império conhecia a escravidão. A maioria dos escravos trabalhava nas grandes cidades ou nos latifúndios, sendo que a população escrava variava entre 25% e 50% (COMBLIN, 1988:70).

No tempo de Paulo havia várias categorias de escravos. Os que trabalhavam nas grandes propriedades agrícolas, nas minas ou nas pedreiras viviam nas piores situações. Os “escravos públicos”, “funcionários” da cidade ou do imperador, serviam em atividades muito variadas, uns em trabalhos pesados, como a manutenção dos banhos públicos e dos aquedutos, outros em funções administrativas. A situação dos escravos domésticos dependia muito do humor dos seus senhores e das tarefas que lhes eram confiadas.

A Galácia, que se tornara província romana no ano 25 a.C., como Pérgamo, Ponto, Bitúnia e Capadócia, perdeu suas terras para os romanos, e, particularmente, a Galácia passou a ser propriedade do imperador (TAMEZ, 1995:120; ROSTOVITZ, 1974:653). Essas regiões, tipicamente agrícolas, sofreram muito com as tantas passagens das tropas militares.

É preciso acentuar a situação histórica da população da Galácia: era uma população de raças diferentes, vindas de nações e religiões diferentes. Esta população passou, primeiro, pela dominação cultural grega. Posteriormente, à dominação romana, com todos os transtornos que uma ocupação traz. Além do

poder bélico e da transformação econômica, havia o jugo, presente em toda parte, da desumanização de um sistema escravagista, fato que determinava as relações entre a vida no campo (a Galácia era, preponderantemente, agrícola) e na cidade, condicionando todos os níveis da vida social. Provavelmente, a situação da Galácia com a presença das tropas romanas, que iam e vinham, era muito desgastante. A tensão beligerante estava sempre acesa. O comércio de escravos angustiava os habitantes autóctones. Como diz Tamez, “não pode ser mero acaso que Paulo utilize nesta carta as imagens da escravidão e da liberdade” (TAMEZ, 1995:121).

É a esta população com estilo de vida rural e agrícola nas montanhas, e o seu relacionamento com a organização da *polis* de estilo greco-romano e com todas as implicações, que Paulo apresenta a revolucionária expressão: “não há escravo nem livre”.

Paulo, na Epístola aos Gálatas, insiste na questão do mundo que está colocado num regime de escravidão. O Evangelho é anunciado (Gl 1,4) dentro da estrutura do mundo que discrimina os homens em livres e escravos.

Como refletem Gorgulho e Anderson, o regime escravagista não se mede tanto pelo *status* social dos “escravos”. O regime escravagista se faz pela estrutura econômica, jurídica e política. A servidão e escravidão se mantêm pela estrutura do trabalho forçado e pela compulsão na produção do excedente em favor da cidade e das classes que detinham a terra e faziam o acúmulo da riqueza. A escravidão se mantinha pelo trabalho forçado, pela exploração das dívidas. A estrutura do “mundo” era a manutenção deste dinamismo social, solidificado pelo poder político e pela ideologia imperial (ANDERSON-GORGULHO, 1988:38).

Ao negar a distinção (escravos e livres), o apóstolo estava fazendo uma contestação radical (VANHOYE, 1985:128). Ele coloca, em primeiro lugar, o *doulos* (escravo), certamente porque o importante aqui é a negação desta condição de opressão, indigna da pessoa humana. Paulo, após negar a condição de escravo, afirma a mesma coisa com relação ao *eleutheros* (livre). Paulo não diz: “não há mais escravos, todos são livres!” mas, “não há escravo nem livre”. É muito profundo, porque está em nível da condição do homem-em-Cristo. Em Cristo, o cristão não é nem escravo nem livre. Há uma relativização radical desta alternativa. Numa sociedade igualitária com experiência da liberdade não há lugar para discriminações. A discriminação coloca, em nível social, uns sobre os outros.

V - Foi o homem Paulo um revolucionário?

É preciso ter sempre diante dos olhos a visão global que Paulo apresenta quando ele contesta todas as assimetrias, exatamente porque elas provocam as desigualdades em todos os níveis. Diante de culturas, etnias e religiões intolerantes, ele grita: “não há mais judeu e grego”. Ao experienciar as assimetrias de gênero, vendo as mulheres massacradas pela cultura patriarcalista e o modo de portar androcêntrico da sociedade, ele clama: “não há mais homem e mulher”, isto é, acabaram-se as diferenças e desigualdades entre os seres humanos. Todos são iguais em Cristo.

Neste ensaio, quero olhar mais o Paulo diante das questões sociais. Será que ele sabia que quanto ao acesso aos meios de produção, poucos grandes grupos romanos tinham o controle de quase tudo e que havia milhares de grupos ou trabalhadores isolados que não tinham nenhum controle, sendo que uma porcentagem masculina enorme era escrava? Que, em consequência, quanto à força de trabalho, novamente, uns (*nobilitas*, senadores, altas patentes militares) dispunham de grande poder para distribuir a força de trabalho, outros, ao menos, dispunham de sua própria força de trabalho (Paulo está neste nível) e uma boa parte era forçada a dar a sua própria força de trabalho? Será que ele percebia o desnível social da partilha dos produtos finais do trabalho humano, onde poucos detinham-na injustamente, sendo que outros tinham fácil acesso aos produtos necessários e a maioria com a possibilidade de adquirir o mínimo necessário para a sobrevivência?

Paulo, provavelmente, percebia as desigualdades do Império Romano. Supor que ele desconhecesse as contradições do Império Romano seria o mesmo que afirmar que os franceses resistentes na 2ª Guerra Mundial (1939-1945) não percebiam que quem estava por trás da inimiga Alemanha eram os nazistas. Ora, o apóstolo era uma pessoa de fé no Evangelho. Ele estava no meio das classes subalternas e, pela sua consciência, idealizava transformar essa mesma estrutura. Daí os constantes conflitos de interesses. Usando a terminologia de Maduro, Paulo estava se colocando em uma estratégia de *resistência* à dominação (MADURO, 1983:110-111).

O apóstolo aqui fez uma proposta de autonomia que entrou, frontalmente, em conflito com o interesse de toda a classe dominante romana.

O modelo conflitual, dentro da leitura sociológica, olha a sociedade como uma estrutura em tensão. O Apóstolo, embora estivesse se dirigindo a comunidades intracristianismos, neste texto (3,26-28) apresenta, nas entrelinhas, o que eram as grandes contradições imperiais. Pelas próprias circunstâncias que motivaram a elaboração da missiva (polêmicas com os missionários judeu-cristãos), esta epístola não deveria se preocupar com considerações estruturais e conjunturais da

macrossociedade. No entanto o Apóstolo, mesmo enfocando as questões agudas das comunidades, no centro de toda a epístola, não teve dúvida em mostrar aos leitores que as polêmicas intracomunitárias, querendo ou não, estão interligadas ou são determinadas pelas contradições do macrosistema.

Paulo, a meu ver, quer que os gálatas lutem pela vida comunitária, que tenham clareza de que a fé em Jesus Cristo é que salva, que a questão da circuncisão e incircuncisão tem que ficar clara, que a liberdade em Cristo e a igualdade são frutos da unidade, que a comunidade precisa buscar um novo modo de existir. Porém, eles precisam dar um salto na compreensão global. Com uma só afirmativa “não há escravos nem livres”, colocada às avessas, os leitores deveriam ler a realidade, sistematicamente. Iriam ver que não se podem olhar os problemas internos isolados da macroestrutura.

A negação “não há...” deveria ser lida de dois modos: 1) Na visão do Evangelho, realmente, em Cristo não pode haver mais escravidão. Nele toda assimetria social precisa desaparecer. É a utopia de Paulo. 2) O “não há...” tinha que ser lido, ao contrário, como “há” escravos e livres. Nesta perspectiva, provavelmente, Paulo estava, com poucas palavras, fazendo uma crítica ferrenha à assimetria romana, que tinha sob seus domínios também a Galácia. É sintomático que esta epístola aborde tanto a questão da liberdade. À primeira vista, é evidente que a liberdade seja apresentada como algo a ser alcançado diante da lei que escraviza, mas, penso eu, que a liberdade diante da escravidão romana deveria ser também uma meta que Paulo propunha aos seus leitores.

Esses leitores, na distante Galácia, precisavam aguçar a consciência crítica comunitária. Além das polêmicas intestinas, precisavam aprender a ler a história na sua globalidade e com suas superestruturas, que impediam a liberdade dos gálatas. Roma, conjunturalmente, provocava tensões nos povos dominados. Embora, como falei antes, Paulo não esteja fazendo uma leitura conjuntural, porque não era esta a finalidade e, politicamente, também não era prudente, ele, com esta simples frase, dá um recado de resistência à dominação. Paulo liga a história (os gálatas estão sob o jugo estrutural escravagista) com a fé (“pois todos vós sois um só em Cristo Jesus”).

Não está claro quantos grupos ou comunidades havia na Galácia. O Apóstolo se dirige a todos. O evidente é que, ao lado dos grupos gálatas (quem permaneceu fiel a Paulo e quem mudou de lado), apareceu, pelo menos, um grupo de missionários judeu-cristãos com propostas distantes das do apóstolo. Cada grupo tendia a conseguir o seu próprio objetivo, protegendo os interesses de seus membros: de um lado, os que ficaram fiéis ao Apóstolo (os que se

comunicaram com ele denunciando os desvios comunitários) e, do outro lado, os que aderiram à linha da circuncisão dos missionários. Af houve fortes tensões e conflitos. O apóstolo, ao escrever, procura dar resposta às exigências particulares dos gálatas.

A leitura pelo modelo conflitual mostra que a mudança é um elemento regular da vida social. O apóstolo, com suas propostas, quer a mudança. Não é possível viver, ao mesmo tempo, em dois modos antagônicos de existência. Buscar a decisão provoca conflito, porque esta, principalmente, se for comunitária, desemboca num modo de visão dinâmico da sociedade. As mudanças são intrínsecas nas pessoas e grupos que aderem à proposta do novo. Paulo quer que os gálatas superem os conflitos internos a fim de poderem ter força para enfrentar os conflitos externos. Ora, a Galácia, por pertencer, naquele tempo, a uma sociedade de classes com modelo greco-romano, vivia o peso da assimetria social, política e econômica. Os gálatas experienciavam as desigualdades da divisão do trabalho, vivendo na pele as diferenças sobre os meios de produção, a distribuição da força de trabalho e a distribuição dos produtos finais. O poder desigual era sentido por eles.

Paulo, na minha opinião, ao afirmar “não há escravos nem livres”, lido ao contrário, está denunciando as relações conflituosas existentes entre os que controlam o poder e os subjugados.

Qual deveria ser a busca gálata, pelo menos na expectativa de Paulo? Primeiro, em nível intracristianismo, lutar para superar as polêmicas e tensões internas. Segundo, buscar, em nível da macrossociedade (leia-se: Roma com suas assimetrias), uma alternativa que justifique a afirmação “não há escravos nem livres”. O texto de Gl 3,26-28 sugere esta possibilidade.

Diante do potente modo de produção escravagista romano, o Apóstolo, que herdara de comunidades anteriores o texto litúrgico batismal, não teve dúvidas. Propôs algo novo aos gálatas (6,15). Como ele conheceu o sistema romano, como ele teve experiências assimétricas em comunidades cristãs (a “crise da liberdade” em 2,4 e a “crise da igualdade” em 2,11-14), ele propõe uma saída.

Rejeitando o modo assimétrico romano, ele anuncia um novo modo de conceber o espírito comunitário: “Pois vós todos sois filhos de Deus através da fé em Cristo Jesus, pois todos vós que fostes batizados em Cristo, vos vestistes de Cristo. Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem e mulher; pois todos vós sois um só em Cristo Jesus” (3,26-28). Não seria esta uma proposta simétrica comunitária (MADURO, 1983:78-79)?²²

O homem Paulo não se aliou ao sistema escravagista. Quando ele escreveu suas cartas, os cristãos representavam uma minoria ínfima no Império. Devia ele pregar a revolta aos escravos, com o perigo de provocar repressões cruéis, como depois das Guerras dos Servos e da revolta de Espártaco em 73 a 71 antes de Cristo que terminou pela exposição de 6.000 escravos crucificados ao longo da via Ápia?

Revoltas de escravos sempre foram uma ameaça. Os escravos, porém, não tinham projetos políticos firmes. A sua fraqueza política os condenava aos inevitáveis fracassos (COTHENET, 1985:100). Na própria Palestina, Paulo, provavelmente, sabia da tensão causada pela atuação dos zelotas pela libertação do país. Seria, política e taticamente falando, a hora de lançar um movimento que, para quem estava lá distante, na Galácia e adjacências, se parecesse com o zelotismo?

É aqui em Gl 3,28 como em 1Cor 12,13 que Paulo apresentou suas proclamações programáticas, que contêm referência explícita à escravidão como sendo uma das características fundamentais das injustiças do mundo antigo a serem superadas no mundo novo instituído por Cristo. O significado fundamental é a igualdade de valor. A condição visível não muda. Comblin diz que, no entanto, alguma coisa muda no relacionamento entre livres e escravos. Não é somente no recinto do culto ou da assembléia cristã que as desigualdades desaparecem. No mundo também alguma coisa vai mudar. Não só no fiel dos tempos e em disposições puramente interiores. Seria vão tirar, de proclamações tão gerais, aplicações muito específicas. Contudo elas abrem a porta para tais aplicações no decorrer da história (COMBLIN, 1988:72-73).

O desafio de mudar a sociedade para que desapareça a condição de escravo ainda não foi superado. Os escravos e escravas ainda são explorados em várias partes do mundo. Também as dependências de países pobres aos do Primeiro Mundo mostram a semi-escravidão estrutural. Também, segundo Comblin, as comunidades cristãs deverão estar abertas a todos esses escravos ou quase-escravos. Elas deverão ser um ponto de partida para recuperar a dignidade ofendida. Daí poderão partir para a reconquista da liberdade e da autonomia social. Quanto à autonomia pessoal, ela procede de Cristo, e os escravos de todos os tempos puderam experimentá-la (COMBLIN, 1988:76).

Quais seriam as conseqüências da proclamação, pelos cristãos, de que "não há escravos nem livres" no ambiente romano avassalador? Era possível subverter toda a ordem social não somente do Império Romano, mas do universo, para que desapareça, de fato, a escravidão?

Conclusão

Distante da ordem estabelecida, nas Igrejas da margem, durante os 20 séculos e meio de cristianismo, sempre apareceram vozes e experiências que levaram a sério o anúncio de que não pode haver mais escravos. Uma das últimas vozes que ecoaram forte se manifestou na América Latina com o nome de "Teologia da Libertação". É uma pena que muitos teólogos ou pastores da Libertação não tenham se fundamentado, programaticamente, nesta afirmação "não há escravos nem livres" a partir de Cristo. Aqui está a coluna mestra de qualquer teologia que tenha sua preocupação com a transformação social.

A grande perspectiva da ruptura de barreiras é que a fé em Jesus Cristo constitui e sustenta o novo modelo de vida na igualdade e na liberdade, abrindo as fronteiras que vêm da superação das discriminações da relação senhor-escravo ou livre-escravo.

Quando Paulo fala da relação livre-escravo, está propondo que a estrutura de dominação seja derrubada, porque esta é uma das barreiras mais agressivas ao Evangelho. A busca da unidade em Cristo Jesus (Gl 3,28d) tem que eliminar o sistema social da escravidão. Sendo eliminada a oposição livre-escravo, surge um tipo social de vida diferente, onde as relações serão de pessoas que vivem a igualdade e a liberdade no serviço uns aos outros (Gl 5,13b). Isto é a realização do "caminhai com o Espírito" (Gl 3,16a) e o "se vivemos pelo Espírito, pelo Espírito pautemos também nossa conduta" (Gl 3,25); é a realização da utopia cristã. Ao assumir a proposta do "não há escravo nem livre", Paulo anseia pelo surgimento de uma sociedade nova, que elimine a sociedade da contradição.

Não se concebe mais, de modo algum, a escravatura.

Mais uma vez, este texto (Gl 3,26-28), como mola propulsora de toda a epístola, aborda questões cruciais já levantadas antes: Gl 2,4 retrata a crise da liberdade. Paulo, em boa parte da epístola, defende-a com vigor, arrematando aqui que não há "escravo nem livre". O tempo da liberdade tem de durar para sempre.

O incidente de Antioquia (Gl 2,11-14) aprovava ou não a separação da mesa? Judeu-cristãos comeriam separados dos gentio-cristãos? Se isso fosse aceito por Paulo, ele não poderia aqui usar a expressão "não há escravo nem livre". Esta expressão é consciente. É o *slogan* da igualdade e da liberdade. Aquela igualdade religiosa defendida por Paulo tinha conseqüências sociais não só para os étnico-cristãos e judeu-cristãos, mas também para todos os que aderiram a Jesus Cristo.

As conseqüências eram claras: quem celebrar a mesa, tem que vivê-la fora, com uma postura desafiante ao mundo escravagista greco-romano. Paulo está se voltando aos escravos para que sejam libertos. Todos são tratados como pessoas livres, sendo isto expresso na vida de comunhão. Se houver mesa farta, e, ao lado, mesa vazia, a contradição senhor--escravo ou livre-escravo continua. Se houver uns assentados à mesa e outros do lado de fora, a mesma contradição subsiste.

Também neste texto, como já acentuei, o contexto de superação das barreiras é, exatamente, a liturgia batismal. Este sinal é um apelo forte para que as barreiras do senhor-escravo sejam derrubadas.

Destarte, a epístola aos gálatas, olhando a superação da crise da liberdade (Gl 2,4), a comunhão de mesa (Gl 2,11-14) e o batismo (Gl 3,27), proclama, tenazmente, a abertura de fronteiras para que a liberdade e a igualdade sejam, de fato, uma proposta viva para todos, e, em particular, para os que aderiram a Jesus Cristo. Adiante (Gl 5,13-6,10), Paulo apresentará aos gálatas várias propostas concretas, ali dentro das comunidades, que proporcionarão um tipo de vida com relações sociais humanas e cristãs. Na prática, os gálatas poderão viver a liberdade enquanto vão quebrando as barreiras da dominação e eliminando a dialética anti-evangélica do livre-escravo. A abertura de fronteiras se dá também na eliminação de qualquer dominação social, estabelecendo novas relações de amor (Gl 5,14), fazendo gerar uma sociedade nova.

Notas

¹ Também aponto no final, nas "referências", as obras de Fiorenza, Schottroff, Ströher e Tamez para uma leitura feminista do tempo de Paulo.

² MADURO, Otto. *Religião e Luta...* p. 78-79. Ele diz: 20 séculos após Paulo, que "Os modos de produção comunitários, em que os membros da sociedade têm igual acesso aos meios de produção existentes (sem apropriação privada), têm uma distribuição igual da força de trabalho (todos produzem, sem privilégios nem exceções, a não ser as derivadas da capacidade física para o trabalho, e numa divisão de trabalho simples e flexível), e têm uma partilha igual dos produtos finais do trabalho (variável apenas segundo as necessidades da idade ou da saúde dos indivíduos)".

Referências

I. Livros

COMBLIN, José. *Epístola aos Colossenses e Epístola a Filêmon*. Petrópolis : Vozes/ Imprensa Metodista, 1986. (Comentário Bíblico).

COTHENET, Edouard. *São Paulo e o seu Tempo*. São Paulo : Ed. Paulinas, 1985.

FERREIRA, Joel Antônio. *Primeira Epístola aos Tessalonicenses*, Petrópolis: Vozes, 1992. (Comentário Bíblico)

FIORENZA, Elizabeth Schüssler. *Discipulado de Iguais. Uma Ekklesia-logia Feminista Crítica de Libertação*. Petrópolis : Vozes, 1995.

FIORENZA, Elizabeth Schüssler. *As Origens Cristãs a Partir da Mulher Uma nova Hermenêutica*. São Paulo : Ed. Paulinas, 1992.

FLORENZANO, Maria Beatriz B. *O Mundo Antigo: Economia e Sociedade*. São Paulo : Ed. Brasiliense, 1986.

GIORDANI, Mário Curtis. *História de Roma*. Petrópolis : Ed. Vozes, 1981.

GRANT, Michel. *O Mundo de Roma*. Rio de Janeiro : Ed. Arcádia Limitada, 1960.

HOUTART, François. *Religião e Modos de Produção Pré-Capitalistas*. São Paulo : Ed. Paulinas, 1982.

MADURO, Otto. *Religião e Luta de Classes*. Petrópolis : Ed. Vozes, 1983.

MURPHY O'CONNOR, Jerome. *Paulo Biografia Crítica*. São Paulo : Ed. Loyola, 2000.

ROSTOVITZ, M. *História de Roma*. Rio de Janeiro : Zahar Editores, 1967.

ROSTOVTZEFF, M. *Social and Economic History of the Roman Empire*. v.2, Oxford : Clarendon Press, 1974.

SCHOTTROFF, Luise. *Mulheres no Novo Testamento: Exegese numa Perspectiva Feminista*. São Paulo : Ed. Paulinas, 1995.

TAMEZ, Elza. *Contra Toda Condenação A Justificação pela Fé, Partindo dos Excluídos*. São Paulo : Paulus, 1995.

2. Artigos

COMBLIN, José. A Mensagem da Epístola de São Paulo a Filemon. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 2, 1987, p. 50-70.

COMBLIN, José. Os Escravos e o Evangelho de Paulo. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 17, 1988, p. 69-76.

COMBLIN, José. Paulo e a Mensagem da Liberdade. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 14, 1987, p. 64-70.

FERREIRA, Joel Antônio. A Ternura e a Afetividade em Gálatas. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 63, 1999, p. 95-104.

FERREIRA, Joel Antônio. Não há judeu nem grego (Gl 3,28a): superação das assimetrias étnicas e religiosas. *Fragments de Cultura*, Goiânia, v. 13, n. 5, 2003, p. 1093-1124.

FERREIRA, Joel Antônio. Não há macho (homem) e fêmea (mulher). Laços de ternura em Gálatas 3,28c. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 72, 2002, p. 90-105.

GORGULHO, Gilberto e ANDERSON, Ana Flora. A leitura Sociológica da Bíblia *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 2, 1987, p. 6-10.

STRÖHER, Marga Janete. Entre a Afirmação da Igualdade e o Dever da Submissão. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 67, 2000, p. 36-44.

TAMEZ, Elza. Roteiro Hermenêutico para compreender Gl 3,28 e 1 Cor 14,34. *RIBLA*, Petrópolis, n. 15, 1993/2, p. 8-15.